

## **A relação entre fisiologia e moralidade do costume na obra *Humano, demasiado humano* de Nietzsche.**

WAGNER FRANÇA<sup>1</sup>; LUÍS RUBIRA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Wagner França – [wagnersf@gmail.com](mailto:wagnersf@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [luiseduardorubira@gmail.com](mailto:luiseduardorubira@gmail.com)

### **1. INTRODUÇÃO**

No primeiro capítulo de *Humano, demasiado humano*, intitulado “Das coisas primeiras e últimas”, o filósofo intenta contra as noções básicas da metafísica, no sentido de destituir a mesma como conhecimento último das coisas, no intuito de reduzi-las a uma necessidade fisiológica. Segundo Nietzsche as verdades basilares da metafísica dogmática, como as noções de igualdade, unidade, o princípio de identidade, e a causalidade, são crenças originadas da fisiologia, do mesmo modo que as categorias universais *a priori* da razão transcendental. Talvez a mais célebre dessas noções diz respeito a substancialidade do sujeito metafísico cognoscente, ou simplesmente a ideia de ‘eu’, amplamente difundida na história da Filosofia. Para Nietzsche uma das questões fundamentais da metafísica envolve admitir a existência de um indivíduo composto por uma substancialidade dotado de liberdade da vontade, isto é, a metafísica instaurou no pensamento a crença fundamental na vontade livre do indivíduo. No §18 de *Humano, demasiado humano*, Nietzsche ataca essa noção elementar da Filosofia, sustentando que a mesma não passa de um erro do homem em presumir substancialidade a sua existência, ocasionando no tradicional dualismo entre corpo e mente. Para o filósofo a crença nessa ‘lei universal’ está associada no modo como o homem possui uma “necessidade interior em reconhecer cada objeto em si, em sua própria essência, como um objeto idêntico a si mesmo, portanto existente por si mesmo e, no fundo, sempre igual e imutável, em suma, como uma substância” (MAI/HHI §18). A crença na sustância é identificada por Nietzsche, como um movimento do pensamento lógico, ao inferir que se algo existe, ele é igual, idêntico a si mesmo e dotado de substancialidade, embora Nietzsche avance mais ainda a esse respeito, afirmando que essa crença vincula-se diretamente com a relação de prazer e desprazer, pois, “O primeiro nível do ‘pensamento’ lógico é o juízo, cuja essência consiste, segundo os melhores lógicos, na crença. Na base de toda crença está a *sensação do agradável ou do doloroso* em referência ao sujeito que sente” (MAI/HHI §18).

Ao reduzir o aspecto da crença e dos juízos à esfera da sensibilidade pela relação do prazer e desprazer, logo os juízos são produtos dessa relação. Ora, se Nietzsche sustenta que as crenças e juízos, correspondem a particularidades psicológicas sujeitadas ao âmbito do orgânico, logo a psicologia também resulta desse domínio. As questões fundamentais da metafísica envolvendo crenças e juízos, decorrem de uma necessidade orgânica, e por meio dessa o homem inferiu erroneamente na crença da existência de realidades metafísicas como: corpo/mente, certo/errado e bom/mau; sendo essas admitidas como verdadeiras e independentes de nosso organismo. A relação dos seres orgânicos com o mundo é caracterizada nos termos de prazer e dor; são essas as sensações basilares que proporcionam o interesse ou desinteresse, ocasionando toda forma primitiva de pensamento, de crença, e até mesmo a formação dos juízos lógicos. O

problema central da metafísica, de acordo com Nietzsche, reside no fato em abordar os “erros fundamentais do homem”, isto é, os “erros originários a todo ser orgânico” como se fossem “verdades fundamentais”.

## 2. METODOLOGIA

Essa investigação terá como método uma leitura imanente dos escritos de Nietzsche. Wotling assegura essa metodologia como a mais plausível, pois “o próprio texto fornece as indicações sobre seu modo de construção e os procedimentos de significação que ele põe em marcha, e isso através de um jogo de autocitações, autotraduções, deslocamentos em relação a si mesmo” (WOTLING, 2013, p.51). Segundo Wotling é na própria capacidade auto interpretativa que o texto de Nietzsche revela sua complexidade questionadora. Julgamos essa iniciativa metodológica mais adequada, pois contribui de forma satisfatória o empreendimento interpretativo do qual o texto nietzschiano exige em sua apreensão. Em certos momentos da pesquisa quando necessário, uma abordagem de estudos de fontes será realizada, no intuito de definir mais precisamente certas ideias envolvendo o tema.

O espectro bibliográfico desta investigação abrange o estudo das obras do período intermediário, a saber: *Humano, demasiado humano I* (1878), *Humano, demasiado humano II* (1879-1880) e *Aurora* (1881), *Gaia Ciência* (1882), bem como obras do período tardio, especificamente *Assim Falou Zaratustra* (1883-1885), *Para além de bem e mal* (1886), *Genealogia da Moral* (1887), *O Caso Wagner* (1888), *Crepúsculo dos Ídolos* (1888), *Nietzsche contra Wagner* (1888), *O Anticristo* (1888), *Ecce Homo* (1888) e *Ditirambos de Dionísio* (1888). A pesquisa enfatizará as obras publicadas e os comentadores específicos sobre os temas abordados. O uso dos fragmentos póstumos ocorrerá apenas no sentido de esclarecer, quando necessário, um ponto específico sempre relacionando à obra publicada; a correspondência de Nietzsche será usada da mesma forma.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O respeito à autoridade é central na compreensão de Nietzsche acerca da origem da moralidade. Em tempos passados nossas ações eram regidas por aquilo que adorávamos ou temíamos, e a consciência moral, entendida nesses termos, não passaria da capacidade do indivíduo executar determinadas ações por obrigação em decorrência de certo padrão de moral/costume. Nesse viés não há distinção entre ‘consciência moral’ e obrigação; isso para Nietzsche constitui ações que não são realizadas por uma faculdade independente do homem, se toda ação corresponde a uma obrigação, logo a mesma nunca é ‘moral’, mas ação por coerção. Nietzsche enfatiza o processo moralizante que se sucedeu com o homem, sustentando uma posição contrária a vertente tradicional - compreendendo o mesmo como aquele que naturalmente possui inclinação para viver em sociedade. Nietzsche possui uma visão contrária, onde a humanidade adquiriu esse senso de convívio em coletividade, por meio da força e coerção, que após longo período engendra-se no homem como instinto relacionado ao prazer. Nietzsche afirma que a moralidade se instaura pelo ‘prazer no costume’. Nietzsche vincula prazer e hábito na origem dos costumes e da moralidade, identificando o resultado das ações como útil e agradável e não como bom em si. O que é chamado de “bom” estaria ligada a uma utilidade específica do grupo,

que formou essa noção de “bom”, de acordo com alguma finalidade específica; seja para o fortalecimento interno do grupo frente a uma ameaça ou apenas regramento interino dos sentimentos morais, definidos como bom. De acordo com essa perspectiva, para Nietzsche, “bom”, útil, agradável e prazeroso são termos intercambiáveis na significação psicológica/fisiológica de indivíduos no interior de um contexto moral. Nietzsche não acredita que os homens passaram a conviver em sociedade por intermédio de um contrato, a visão nietzschiana de formação do Estado não possui esse caráter contratualista; a própria definição do surgimento do Estado e da moralidade provém da coerção, da força com que se impõe e justamente esse processo imperioso promove no homem a crença ilusória de uma tendência natural para viver em sociedade.

#### 4. CONCLUSÕES

A vida do homem não requer a existência de uma consciência enquanto substância metafísica, como assegura Nietzsche, ela é identificada como resultado de um processo dinâmico pulsional; o que o filósofo assevera no segundo período, é a identificação da vida com as pulsões. Em vista disso, todas as instâncias pertencentes a esfera humana decorrem do fisiológico, inclusive o aspecto epistemológico-moral com suas imposições e opressões, em vista da autoconservação por uma necessidade fisiológica.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NIETZSCHE, Friedrich. **Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe**. Edição organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Berlin/Munique: Walter de Gruyter & Co., 1967-78. 15 vol.

\_\_\_\_\_. **Humano, demasiado humano. Um livro para espíritos livres**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

\_\_\_\_\_. **Humano, demasiado humano. Um livro para espíritos livres volume II**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

FREZZATTI, Wilson. **A Fisiologia de Nietzsche: a Superação da Dualidade Cultura/Biologia**. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2006.

ITAPARICA, André. **Nietzsche: Estilo e moral**. São Paulo: Discurso Editorial, 2002.

LÖWITH, Karl. **Nietzsches philosophie der ewigen Wiederkehr des Gleichen**. 3ª ed., Hamburgo: Felix Meiner Verlag, 1978; **Nietzsche: philosophie de l'éternel retour du même**. Trad. Anne-Sophie Astrup. Paris: Calmann-Lévy, 1991.

RUBIRA, Luís. **Nietzsche: do eterno retorno do mesmo à transvaloração de todos os valores**. São Paulo: Discurso editorial/Editora Barcarolla, 2010.

WOTLING, Patrick. **Nietzsche e o problema da civilização**. Tradução de Vinicius de Andrade. São Paulo: GEN/Editora Barcarolla, 2013.